

ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO: UM ESTUDO DO CORPO E DO ESPAÇO NA CIDADE ANTIGA

Ana Paula Santana Filgueira

Resumo: Tendo como base os princípios que designam o espaço enquanto produto da experiência humana e do sagrado como a ritualização de um dado espaço, analisaremos como os romanos construíram sua cidade enquanto uma representação do equilíbrio entre o mundo terreno e o dos deuses. Pensaremos na cidade, suas ruas, edifícios, estátuas e toda a sua estrutura, fruto de um planejamento urbano, baseado em princípios matemáticos, mas que em seu alicerce guarda medos, anseios, mitos, esperanças e memórias, daqueles que a habitaram ou simplesmente passaram por ela. A partir desse ponto de vista, o objetivo deste trabalho é mostrar como a cidade, modelo de racionalidade foi também edificada pelo mito.

Palavras-Chave: Cidade; Roma; religião

INTRODUÇÃO- ROMA

Roma, a capital do Império Romano, foi fundada provavelmente no ano de 753 a.C., fruto da conquista, primeiramente sobre a Península Itálica, depois do Mediterrâneo. Assim como várias outras Cidades Antigas, seus edifícios, casas, ruas, teve todas as suas pedras esculpidas e milimetricamente medidas, mas foram também talhadas pelo mito. Trazendo em seus alicerces uma série de crenças, mitos e ritos, realizados e idealizados pelo homem como uma forma de manter o equilíbrio entre o plano terreno e sobrenatural (RYKWERT, 2006, p.19-21).

O mito mais popular sobre a fundação de Roma conta que seu fundador foi Rômulo, juntamente com seu irmão Remo, mas este por consequência de um desentendimento foi assassinado por aquele. Diz ainda o mito que, após ter transformado Roma em uma potência política e militar ele teria sumido em uma nuvem, durante uma tempestade, e nunca mais teria sido visto. Depois desse episódio, os romanos o cultuaram como deus, pai e rei de Roma (LÍVIO, 2008, p.24-26).

A história romana está intimamente ligada aos deuses, principalmente a Marte e a Vênus. Os romanos acreditavam que seu mundo dependia da vontade desses seres divinos: eram eles que garantiam sua soberania sobre os demais povos e asseguravam o poder do

Império. A paz com o mundo sobrenatural refletia-se no plano terreno, pragas, enchentes, boas colheitas e sucesso nas guerras eram sinais de harmonia ou discórdia com deuses, por isso realizavam festas, rituais e oferendas, tanto no ambiente público, como no privado.

RITO, CORPO E CIDADE

A religião oficial romana eram um importante componente da vida cotidiana na cidade, pois o culto público, oficializado pela elite era uma maneira de incentivar a união entre a comunidade. Traduzia-se como uma expressão da fidelidade dos homens para com os deuses e asseguravam de alguma forma a prosperidade através da *pax deorum* – a paz com os deuses. Os deuses estavam sempre presentes na vida cívica, também eram cidadãos romanos, participavam das suas glórias, derrotas e dos rituais. Estes eram uma parte fundamental nas interações entre homens e deuses, eles marcavam todos os eventos públicos e celebrações. A religião era umas das expressões da concepção romana sobre a manutenção e limitação do poder dos grupos políticos, além de garantir uma boa relação entre homens e deuses. Os ritos representavam a certeza da conservação da sociedade ordenada e segura (SILVA, 2006, p.56-58).

Para os romanos a cidade servia como um meio de proteção dos corpos vivos, estes deveriam ser mantidos a distância dos mortos, por isso não existiam cemitérios dentro de suas dependências, eles eram enterrados fora dos muros da cidade. Toda a área onde ficavam os vivos era amuralhada e chamada de *pomerium*, dividia-se em uma parte alta, destinada aos templos, e uma mais baixa, onde ficava o *fórum*, os teatros, anfiteatros e o mercado. Fora dela ficavam os mortos. Assim como propôs Richard Sennett (2008), a cidade romana tinha por objetivo fornecer proteção aos corpos dos seus habitantes, de modo que era ela também uma reprodução do corpo humano: existia um coração, o *mundus*; um cérebro, o palácio do imperador e assim por diante. Portanto, as relações que o homem estabelece com o espaço definem suas reações (SENETT, 2008, p.37-39). O homem se orienta no espaço a partir do seu corpo. Isso poderia explicar a tendência que temos de considerar nossa “terra mãe” o centro do universo, tal como os romanos (TUAN, 1983, p.42). Estes possuíam uma forte ligação com as imagens, privilegiavam a geometria do corpo e com essa crença construíram suas cidades e sistematizaram sua política.

O *mundus* era uma representação do feminino, suas divindades protetoras eram Vesta, Tellus e Ceres; em contrapartida o *pomoerium* representava o masculino, estava sob a guarda de Fidus, Marte e Terminus. Dentre os ritos de proteção dos limites da cidade, estava o sacrifício de animais em honra aos deuses geralmente sacrificava-se uma ovelha ou um touro e às deusas, uma porca prenha, símbolo da fertilidade. Esses sacrifícios garantiam a prosperidade da cidade, pois era essencial a manutenção da harmonia com o plano divino, para que a vida terrena progredisse.

O poder da capital do Império precisava ser evidenciado para que todos pudessem contemplá-lo e para isso eram promovidas obras públicas. Elas objetivavam ordenar e integrar o espaço que os romanos habitavam e governavam, transformando-o em um conjunto de signos, um relato do seu poder (SILVA, 2006, p.56-60). Um dos arquitetos romanos de mais renome foi Vitruvius, que viveu na época de Otávio Augusto e escreveu tratados sobre a possibilidade de transpor a geometria do corpo humano para a arquitetura. Segundo sua concepção a estrutura do corpo obedece às leis da dimensão e proporção, de maneira tão perfeita que poderia ser transposta para a arquitetura. Foi a partir desse pensamento que as cidades romanas foram planejadas, revelando os princípios de uma sociedade bem organizada.

Dando embasamento a esta concepção sobre a Cidade Antiga, Joseph Rykwert (2006), historiador da arquitetura no século XX, utilizou o conceito de “entre-lugar”, para definir qualquer espaço onde o homem se reconheça, encontre sua identidade, enquanto indivíduo ou membro de um grupo (RYKWERT, 2006, p.80-83). O autor afirma que a cidade era construída por princípios cosmogônicos, ou seja, remetia a origem, era um reflexo do universo e da ordem do mundo. Além disso, defende o caráter biológico como um dos elementos chave na construção das cidades: o homem construía suas cidades para se orientar no mundo, elas serviam para proteger e disciplinar o corpo.

ESPAÇO E RELIGIÃO

A cidade é uma expressão do contexto histórico em que o homem vive, ela guarda em si os anseios, esperanças e expectativas, expostos não só nos edifícios, mas na disposição das ruas, nos monumentos e na própria mentalidade das pessoas. Por consequência disso, está em constante movimento, pois suas formas são inventadas e reinventadas. Ela se constitui como o lugar de encontro do cosmo com a terra, do sacro com o mundano, mas acima de tudo da experiência do homem (RYKWERT, 2006, p.42).

A fundação de uma Cidade Antiga consistia no tratamento do mito e do ritual racionalmente: o lugar escolhido deveria ser salubre e bem posicionado estrategicamente, mas deveria primeiramente ser escolhido pelos áugures. O rito de fundação da cidade era composto por várias fases e a mais importante delas era desempenhada pelos áugures, que por meio da análise das vísceras de animais, como o lobo, por exemplo, ou do exame do voo das aves, escolhia o local onde a cidade deveria ser edificada. Em seguida, era traçado um diagrama sobre o solo, a partir do qual todas as suas estruturas deveriam ser erigidas. Esse exercício correspondia a transformação de um espaço anteriormente sem significado em um lugar único e singular, dotado de valores cosmológicos e considerado o centro do universo para aqueles que o habitariam.

O ato de traçar um diagrama sobre o solo e escavar o *mundus*, foço localizado ao centro de onde a cidade deveria ser edificada, considerado o coração desta, transformava um espaço antes alheio a qualquer lei de ordem romana em um lugar único, investido de sensibilidades e subjetividades. Para o Rykwert (2006), a construção de qualquer habitação humana corresponde a uma anamnesis, a recordação de uma “instauração” divina de um centro do universo. Logo ela se remete a produção de uma memória sobre um local. A cidade se constitui como um símbolo mnemônico, uma estrutura carregada de símbolos, onde os cidadãos, através de experiências, sacrifícios e festas criam laços e uma identidade comum. Dessa forma:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos. (ASSMANN, 2011 p.318)

Os locais se constituem como ambientes sagrados na medida em que permite ao homem ter um contato com seu(s) Deus(s). “Fechada dentro dos limites sagrados, estendendo-se ao redor do altar, a cidade era o domicílio religioso, que recebia homens e deuses” (COULANGES, 2003, p.217). No caso dos romanos a cidade era este ambiente, um local que reunia homens e deuses cotidianamente, não só no ambiente público, como também no privado. Desde sua fundação a cidade já era um local sagrado, marcado pela memória da origem do mundo, representada no ritual de fundação. Conforme ia sendo construída lhe eram adicionadas experiências e memórias, lembradas pelas gerações futuras. O local é uma memória que se inscreve na mente de um grupo, isso ocorre através de acontecimentos

históricos importantes, um bom exemplo disso para os gregos é a Guerra de Troia e para os romanos a consolidação de Roma como capital do Império.

A construção de uma cidade equivalia, para os romanos, a representação da origem do universo. Um território desconhecido, desabitado pelo povo romano, traduzia-se como o Caos. Mas, a partir do momento em que era ocupado pelo homem este o transformava, simbolicamente, em Cosmos, mediante a repetição de um ritual cosmogônico. “O que deve tornar-se “o nosso mundo”, deve ser “criado” previamente, e toda criação tem um modelo exemplar: a Criação do Universo pelos deuses. Porque, da perspectiva das sociedades arcaicas, tudo o que não é “o nosso mundo” não é ainda um “mundo” (ELIADE, 1992, p.35)”. O ato de experimentar e investir de significado um dado espaço, anteriormente estranho ao homem, o transforma em um lugar, que dá sentido à sua existência, lhe permitindo habitar o centro do mundo e considerar-se dono dele, desde que esteja em harmonia com os deuses. Pela sua simples presença o homem impõe um esquema ao espaço, conscientemente ou não ele marca sua presença através de atividades que legitimam esse ambiente como sendo “seu” (TUAN, 1983).

Para os romanos o espaço não era entendido como algo homogêneo, mas caracterizado por uma dualidade, que correspondia a sua experiência para com ele. Havia, portanto o espaço sagrado, aquele que habitavam e considerado o centro do universo, e o profano, sem estrutura, nem consistência, habitado por seus inimigos ou simplesmente desabitado. Essa oposição estava então ligada a existência ou não de experiência do homem com um dado espaço. O espaço sagrado tem um valor existencial para o homem, pois nada pode começar do Caos, é necessário estabelecer um ponto central para que o Cosmos se sobreponha ao Caos, por isso a primeira coisa a ser construída no local designado para a edificação das cidades romanas era o *mundus*. Para viver no Mundo é preciso sacraliza-lo, pois não se pode viver no Caos (ELIADE, 1992, p. 70-73). O homem precisava ter a certeza de que:

sua cidade constituía o umbigo do Universo e, sobretudo, que o Templo ou o Palácio eram verdadeiros Centros do Mundo; mas queria também que sua própria casa se situasse no Centro e que ela fosse uma *imago mundi*. Universo. (...) Em outras palavras, o homem das sociedades tradicionais só podia viver num espaço “aberto” para o alto, onde a rotura de nível estava simbolicamente assegurada e a comunicação com o outro mundo, o mundo transcendental, era ritualmente possível. (ELIADE, 1992, p.27)

Nesse sentido a fundação de uma cidade correspondia a emergência do sagrado no mundo real. Era necessário também um fundador, geralmente uma personagem “histórica”,

autora de inúmeros feitos e após sua morte consagravam-no como tal e o cultuavam como “pai da cidade”. Aquelas que não possuíam esse tipo de herói inventavam o seu. Além disso, ele era o único indivíduo que tinha a honra de ser enterrado dentro da cidade, especificamente no Centro. Devia ser enterrado no coração da cidade, pois dele sua existência dependia. O herói fundador de Roma foi Rômulo, mas geralmente escolhia-se um líder de alguma facção ou um magistrado.

As fundações das cidades na Antiguidade e na Idade Média não aconteceram em um espaço neutro: para isso necessitou-se de “vantagens de centros de referência”, que ao lado da utilidade econômica incluíam a relevância simbólica dos locais. As fontes mais importantes de tal relevância eram, ao lado da localização dos mitos, as sepulturas dos heróis. (ASSMANN, 2011, p. 326)

Durante o ritual de fundação, o herói fundador da cidade circundava o território onde ela seria edificada, com o auxílio de um arado de bronze, puxado por um boi, representando a união do céu com a terra e cada vez que esta fosse cultivada a fertilidade da terra, mãe, era ampliada. Credita-se aos etruscos a influência desse rito sobre os romanos, mas não se descarta a possibilidade de que eles o tenham importado de algum outro povo com o qual tiveram contato (RYKWERT, 2006, p. 98).

O RITO DE FUNDAÇÃO E O HERÓI DA CIDADE

Após este ritual iniciava-se a fase de construção dos muros e demais estruturas da cidade, essas pedras eram uma forma de proteção não só contra os povos inimigos, mas também contra os mortos, enterrados fora da cidade. As pedras da cidade eram uma forma de proteção dos corpos frágeis de seus habitantes. Os romanos consideravam suas muralhas sagradas, elas deviam ser defendidas ao custo de suas próprias vidas, no entanto, seus portões não o eram, pois através deles passavam os mortos e todos os tipos de mercadorias.

Os portões das cidades romanas ficavam sob a guarda de um deus protetor, mesmo assim todos eram protegidos por Jano, deus de todos os começos e todas as aberturas e chamado também de “universo”. Por marcar os limites entre um espaço revestido de significação e do espaço sem ordem, os portões carregavam em si um poder ameaçador – atravessá-lo era um ato religioso, pois o homem saía do Cosmos e se aventurava em meio ao Caos, território não romano. Eles eram adornados com abóbadas e painéis protegidos por diversas divindades.

Diante de toda essa ritualização, a cidade romana não possuía apenas uma existência física, mas ia além, suas estruturas alcançavam o plano divino. Para os romanos a cidade

possuía um tipo de existência peculiarmente religiosa, assim como ela deveria ser fundada por meio de rituais, devia ser igualmente destruída, mesmo que seus rivais não partilhassem das suas práticas religiosas. Não bastava que a cidade fosse saqueada e queimada, tinha de ser desfeita ritualmente.

Da mesma forma que a cidade fora fundada pelo ritual do arado, devia igualmente ser destruída. Na história romana a cidade cuja destruição recebeu mais respaldo foi Cartago. Nesse episódio, Cipião, então capitão do exército, “consagrou” a cidade sitiada e invocou seus deuses para que se aliassem aos romanos e deles recebessem culto, assegurando assim sua vitória. Uma vez tomada, a cidade deveria ser “desarada”: o arado era conduzido no sentido horário ao redor dos limites da cidade, ao contrário do que ocorria no rito de fundação quando mesmo seguia o sentido anti-horário. Ao passar por este ritual Cartago deixou de existir. Vale salientar, que esse costume não era exclusivo dos romanos, os gregos por exemplo, já o praticavam: Aquiles amarrou o corpo de Heitor a um arado e percorreu os limites de Troia, ao final da guerra.

A cidade não era apenas fundada por meio da destruição de outra, muitas vezes era designado a um indivíduo a tarefa de encontrar e fundar uma nova. Este chefe levava consigo um pequeno contingente de pessoas e ao longo do percurso outros grupos podiam se juntar a ele, advindos de diversos lugares. A cidade era construída a imagem do Estado do chefe, dividida em tribos e fraternidades, cada uma cultuava seus próprios deuses e até mesmo podiam adorar distintos heróis fundadores, julgando-se descendentes destes, mas partilhavam de um culto comum celebrado no ambiente público. Isso denota a natureza múltipla da religião romana e seu caráter cívico. Além disso, sempre que um indivíduo saía de sua pátria para se instalar em outra levava consigo parte dela: simbolicamente depositava no *mundus*, da sua nova cidade, um punhado de terra proveniente de sua antiga pátria.

Esse mesmo ritual foi praticado por Rômulo ao fundar Roma, conduzido pelos deuses, através do acompanhamento do voo dos pássaros lhe foi indicado o local onde a cidade deveria ser edificada: o Palatino. Em seguida cavou um poço circular, o *mundus*, e nele depositou um punhado de terra da sua pátria, Alba Longa. Esse ritual era repetido sempre que se mudava de pátria, pois de acordo com a religião o homem não podia se desprender do lugar em que vivia e onde estavam enterrados seus antepassados, por isso levava parte de sua terra e a unia com a da sua nova cidade. Ao redor do poço foi erguido um altar e partir dele Roma foi construída.

O rito, tal como o mito, não só na sociedade romana, mas também em muitas outras da Antiguidade, correspondem ao período histórico em que se inserem, são uma representação

de um dado contexto histórico. A vida urbana romana não pode ser entendida separada dos seus ritos e mitos. Os romanos reproduziam as cenas da criação do mundo para atender suas necessidades de respostas sobre a origem “desconhecida” e que não podia ser explicada pelos princípios matemáticos, racionais (RYKWERT, 2006, p.120). Não há nada de mais poderoso sobre a alma humana que a crença, ela é uma obra dos homens, mas estes não têm total controle sobre ela, não podem modelá-la ao seu bel-prazer, não a entendem por completo. É uma criação humana, porém considerada divina, racional e irracional ao mesmo tempo. “O homem pode muito bem domar a natureza, mas sujeita-se ao pensamento” (COULANGES, 2003, p.202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou apresentar algumas considerações sobre como a cidade romana, que planejada segundo princípios matemáticos, foi edificada primeiramente pelo mito. A necessidade de se buscar respostas para a origem do universo e pelo sentido de sua existência fez o homem recorrer as explicações sobrenaturais. O rito de fundação da Cidade Antiga, simbolizando a repetição da origem do universo e o ato de colocar-se no Centro dele se constituíram como um trabalho em conjunto da racionalidade e da irracionalidade, objetos que em uma primeira vista parecem ser inconciliáveis.

Ao tratar de conceitos como espaço e sagrado percebemos como o homem antigo, os romanos mais especificamente, conviviam cotidianamente na busca pela harmonização do ambiente que habitavam, bem como com os deuses. Estes, responsáveis pela manutenção da prosperidade humana, tinham de ser agraciados cotidianamente com diversos tipos de oferendas, eram ao mesmo tempo cidadãos, partilhavam em conjunto com homens das leis e rituais praticados dentro dos muros da cidade, além de protegê-los. A cidade era considerada um lugar sagrado, tornado tal a partir do momento em que homem consagrava-o e mantinha para com ela laços afetivos. A cidade era sua pátria, lugar de veneração, pois nela haviam habitado seus antepassados e vivam seus deuses, por isso não devia ser abandonada, mas carregada consigo para onde quer que fosse. Os homens e os deuses viviam sob uma espécie de acordo mútuo, em troca de proteção os homens lhes prestavam culto e garantiam assim sua existência.

A cidade eram um ambiente sagrado e plural, era a ponte que unia homens e deuses, racionalidade e irracionalidade. Em suas pedras estavam esculpidas além de formas geométricas e corporais, a memória de gerações, de famílias e acontecimentos históricos. A

cidade é um misto de tudo o que permeia a mente dos homens no contexto histórico em que vivem, eles se consideravam o Centro, pois isso é parte da sua natureza. Como aponta o geógrafo Yi-Fu Tuan “O homem habita, dirige e ordena o mundo. O corpo é “corpo vivo” e o espaço é um constructo do ser humano” (TUAN, 1983,p.40). Conscientemente ou não é o homem que escreve seu lugar no espaço.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Aleida. Locais. IN_ **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2011, (p.317-355)
- COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A cidade antiga**: estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano** . São Paulo: Martins Fontes, 1992
- FUNARI, Pedro Paulo. Roma. IN._____. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2011
- RYKWERT, Joseph. **A ideia de cidade**: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo. São Paulo: Perspectiva, 2006
- SENETTI, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008
- SILVA, Gilvan Ventura da; e MENDES, Norma Musco. **Repensando o Império Romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: EDUFES, 2006
- SUETÔNIO Tranqüilo, Caio. **A vida dos Doze Césares**. São Paulo : Prestigio, 2002
- TITO LIVIO. **A história de Roma**, Livro I: a monarquia. Tradução: Monica Costa Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- VEYNE, Paul. O Império Romano. In _____. **História da Vida Privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. Os pagãos e seus deuses. In _____. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira , 2008.
- _____. O Império Romano. In _____. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.